

O Daime é o mel da floresta: os idiomas da sedução, da caça e do pastoreio no Santo Daime¹

Resumo:

O tema destas notas de pesquisa são as motivações que levam uma pessoa a participar de um ritual de Santo Daime, considerando que, nessa linhagem religiosa, “não se pode convidar”. O objeto deste artigo são as concepções cosmológicas dos seguidores dessa religião sobre o *daime* (ayahuasca), que fazem com que essa bebida seja considerada “o mel da floresta” e a materialização do espírito do “dono da doutrina”, o Mestre Império Juramidam. Neste artigo, viso dialogar com as concepções sobre os mitos associados ao mel, contidas no livro “Do mel às cinzas” de Lévi-Strauss. Parto da seguinte pergunta: como as concepções cosmológicas dos seguidores do Santo Daime sobre a bebida *daime* dialogam com as concepções míticas sobre o mel, em relação ao seu caráter paradoxal de regressão à natureza?

Tenho a hipótese de que, segundo as concepções cosmológicas dessa religião, a pessoa é atraída a participar dos rituais de Santo Daime de acordo com o idioma da sedução e da caça e, ao tornar-se uma pessoa *fardada*, adepta da religião, passa a operar o idioma do pastoreio. A bebida é concebida como o *mel da floresta*, figura mítica paradoxal, que produz uma regressão à natureza e, dessa forma, uma elevação à sobrenatureza. Estas notas estão baseado na análise do conteúdo de questionários aplicados na igreja Céu do Mar, em outubro de 2014, em observação participante, desde março de 2015, e na análise de *hinos*, músicas cantadas durante os rituais. O artigo está inserido nas linhas da Antropologia da Religião e Antropologia das Representações.

Palavras-chave: Santo Daime; cosmologia; mitologia

¹ Texto apresentado no Grupo de Trabalho ritual, simbolismo e religião, na XVI Jornada discente, do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), realizada entre os dias 16 e 19 de novembro de 2015, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS).

O Daime é o mel da floresta: os idiomas da sedução, da caça e do pastoreio no Santo Daime

Boa tarde, meu nome é Lígia Duque Platero, sou doutoranda do PPGSA aqui da UFRJ, e meu orientador é o prof. Cesar Gordon, da área de Etnologia. Ao iniciar o doutorado em 2014, minha intenção era pesquisar sobre a conversão religiosa dos Guarani-Kaiowá e dos Guarani-Ñandeva da reserva de Dourados, no Mato Grosso do Sul, a igrejas evangélicas pentecostais. Devido ao corte de verbas de pesquisa realizado pela CAPES, percebi a inviabilidade da realização dessa pesquisa.

Assim, em agosto de 2015, mudei o tema da minha pesquisa. Atualmente, viso realizar uma descrição da chamada *aliança* entre o Céu do Mar, uma igreja urbana do Santo Daime, localizada no Rio de Janeiro, e o povo indígena Yawanawá, da família linguística Pano, da Terra indígena Rio Gregório, localizada no Acre. Assim, em agosto deste ano iniciei a escrita do novo projeto de pesquisa, em uma interface entre a Antropologia da Religião, a Antropologia Urbana e a Etnologia americanista, e minha pesquisa se encontra na fase inicial.

O trabalho de campo na igreja Céu do Mar, em São Conrado, iniciou oficialmente em agosto de 2015. O texto que apresento aqui são notas preliminares de pesquisa. Para a escrita, baseei-me em observação-participante, na análise de hinos, que são músicas cantadas durante os rituais; e em informações de pesquisa interna da igreja Céu do Mar, baseada em questionários com perguntas abertas e fechadas.

O tema deste artigo são as concepções cosmológicas dos seguidores do Santo Daime sobre a bebida *daime* ou ayahuasca, um chá composto pelo cipó Jagube (*Banisteriopsis caapi*) e pela folha Rainha ou Chacrona (*Psychotria viridis*). Trato aqui dos diversos significados da bebida *daime* como símbolo ritual (no sentido Turner, 2005). Entre outras concepções, viso identificar em que medida o daime é considerado “o mel da floresta”.

O objeto do artigo são as relações estabelecidas entre o “chefe-dono da doutrina”, o Mestre Irineu, espírito que se considera estar materializado na bebida, e as

peças fardadas e não fardadas que participam dos rituais do Santo Daime. Parti de uma pergunta empírica, feita por algumas pessoas a mim: se nessa linha espiritual “não se pode convidar” outras pessoas para tomar daime, como as pessoas chegam para participar dos rituais? Assim, cheguei à questão das relações entre as pessoas daimistas e os chamados “Seres divinos” do panteão daimista.

Nestas notas de pesquisa, procurei responder às seguintes perguntas: o que é o *daime* para os daimistas? Em que medida ele pode ser considerado “o mel da floresta”? E, dentro da cosmologia do Santo Daime, quais são as relações estabelecidas entre as pessoas que participam dos rituais e o “chefe-dono” da doutrina, o Mestre Irineu?

Estas notas foram inspiradas inicialmente pela leitura do livro “Do mel às cinzas” de Lévi-Strauss (1967), no qual o autor analisa os sentidos dados ao mel na mitologia da “América tropical”. Nesses mitos, o mel é associado ao paradoxo, a algo muito bom ou algo muito ruim. Os mitos do mel são mitos regressivos, associados a uma regressão da cultura para a natureza. De acordo com o autor, nos mitos ameríndios, a passagem da natureza para a cultura está associada aos mitos da conquista do fogo. O mel é um alimento que não é cozido, não passa pelo fogo. Portanto, ele é pré-cultural e paradoxal.

Essa inspiração surgiu porque existe um tipo de *daime* chamado “daime mel”. Ele é produzido mais condensado e concentrado, devido ao maior tempo de cozimento no fogo. Assim, o *daime* passa pelo fogo, em oposição ao mel, que não é cozido.

Segundo Mac Rae (1992), o Santo Daime foi criado no Acre, próximo à fronteira com a Amazônia peruana, na década de 1930. A religião foi criada em meio ao contexto cultural do uso ritual da bebida ayahuasca por vegetais, mestiços “herdeiros do xamanismo indígena”. Segundo esse autor, o vegetalismo é um tipo de xamanismo, pois se trata de um conhecimento associado à comunicação dos iniciados com os espíritos das “plantas professoras”. O Santo Daime possui características advindas do catolicismo popular, do espiritismo e de religiões afro-indígenas, constituindo um cristianismo *suis generis*.

Raimundo Irineu Serra foi um maranhense que se mudou para o Acre em 1912, para trabalhar com a borracha, e entrou em contato com os vegetais, tendo

conhecido assim a bebida *ayahuasca*. De acordo com um mito fundador da religião, depois de haver ingerido a bebida em algumas ocasiões, teve uma *visão* com uma senhora que identificou com a Virgem da Conceição. Após realizar uma dieta indicada por ela, considera-se que ele “recebeu” a *doutrina* do Santo Daime através da comunicação com a sua guia espiritual, que chamou também de Rainha da Floresta.

Na década de 1930, Irineu Serra fundou o Santo Daime e se transformou no Mestre Irineu, o “chefe-dono” da doutrina, ou Mestre Império Juramidam. O Mestre Irineu criou a igreja Alto Santo, em Rio Branco. Com o passar do tempo, os seguidores da *doutrina* identificaram o seu espírito com o espírito de Jesus Cristo.

Depois que Mestre Irineu faleceu, Sebastião Mota de Melo, um dos seguidores de Mestre Irineu e identificado por seus seguidores ao espírito de São João, rompeu com o Alto Santo e criou outra igreja. Primeiramente mudou-se para a Colônia 5000 e, já na década de 1970, criou a Vila Céu do Mapiá, a 30km do rio Purus, no estado do Amazonas. A linha do padrinho Sebastião foi responsável pela expansão do Santo Daime no Brasil, a partir da década de 1980, e para outros países, a partir da década de 1990.

Agora nesta segunda parte, descrevo “o que é o daime para os daimistas” e em que medida ele é considerado “o mel da floresta”. A bebida *daime* dentro desse sistema ritual, possui inúmeros significados. Entretanto, essa bebida sempre é associada a seres divinos, que se manifestam em planos invisíveis e atuam na pessoa que ingere a bebida.

Partindo do hino “Mel da floresta”, pode-se observar que o daime é associado a um Ser Divino e também ao mel, que é um agente que provoca uma purificação na pessoa. Cito o hino:

Você diz que eu sou amargo/ E pensou que eu sou ruim/ Eu sou um mel da floresta/ O fel está dentro de você/ Eu te mostro num espelho/ Que você não quer se ver/ Se entregando ao Ser Divino/ Você vai se conhecer.

Hino 30, Mel da Floresta. Hinário da Baixinha e do Mestre Guia Caboclo Tupinambá

Esse hino é um enunciado em primeira pessoa, no qual é o próprio *daime*, como “Ser espiritual”, afirma ser o “mel da floresta”. Seguindo o hino, ao ser ingerido, ele mostra para a pessoa o “fel” que está dentro dela, ou seja, o amargor, relacionado à

tristeza, à maldade e aos maus sentimentos. Nesse sentido, o daime é considerado um Ser Divino, “puro”, mas que mostra para a pessoa as “impurezas e imperfeições” que estão dentro dela.

Na mitologia Sul-americana, o mel é paradoxal pois ora produz uma sensação muito boa, ora produz uma sensação muito ruim. Como visto em Lévi-Strauss, o mel é, por um lado, doce e inebriante e, por outro lado, alguns tipos de méis são venenosos. Em relação ao *daime*, essa bebida também é paradoxal: proporciona sensações e emoções muito positivas na pessoa, mas também produz sensações e experiências muito desagradáveis.

De acordo com daimistas, essas sensações ruins podem estar relacionadas ao elemento coercitivo dentro da cosmologia do Santo Daime, que é a chamada *peia* (ver Okamoto, 2004); e associadas também a um processo de “purificação”. Dentro do ritual de daime, afirma-se que, se a pessoa tiver “pureza dentro de si”, pode sentir inclusive um paladar adocicado na bebida amarga. Mas se possui muitas impurezas, terá que passar por muitos momentos de “purificação”, que podem se manifestar em vômitos, náuseas, diarreia, choro, etc.

A própria experiência de êxtase do Santo Daime pode ser associada aos mitos do mel, de regressão da cultura para a natureza: trata-se de uma experiência de regressão à natureza (ao corpo, às emoções); para uma elevação à sobrenatureza, considerado o plano invisível do *astral* e a comunicação com os Seres Divinos que compõe o panteão da cosmologia do Santo Daime.

Como observaremos no seguinte trecho de outro hino, ainda dentro de uma ideia de purificação, o daime é associado ao vinho e materialização de Jesus. Como afirma a letra do hino:

Eu tomo daime para ver os meus defeitos, eu tomo daime para eu me corrigir. Não tomo daime para me engrandecer, porque o grande é Jesus e está aqui. Eu tomo daime e considero esse vinho, o mesmo vinho que Jesus deu para tomar aos seus apóstolos. E disse: em minha memória. Que é para sempre essa luz nunca faltar. Hino “Em minha memória” do padrinho Valdete.

De acordo com o hino, a pessoa tem a experiência de receber dentro de si o espírito de Jesus, que mostra os defeitos de cada um. Nesse sentido, o *daime* é simbolizado pelo vinho servido na Santa Ceia, como uma espécie de “sangue de cristo”.

Em outro hino dentro da linha do padrinho Sebastião, pode-se observar que a bebida também é associada a Cristo, mas essa mesma entidade espiritual se manifesta de diversas formas:

Eu sou Shiva, eu sou Buda, eu sou Cristo. A minha Glória completa ninguém viu. Eu Reino em esferas invisíveis. **Mas sou o daime que você bebeu.**

Hino n. 35 do padrinho Alex Polari, Eu Sou (Cristo é o daime)

Nesse ponto, percebe-se que há uma equiparação em natureza entre Cristo, Buda e Shiva. Sendo o espírito de Mestre Irineu igualado ao espírito de Jesus Cristo por seus seguidores, há uma equiparação do Mestre Irineu a esses seres espirituais, dentro do ecletismo dessa linha xamânica.

Como pode ser observado na letra, na cosmologia do Santo Daime, a bebida *daime* (ayahuasca) é considerada um ser divino que é colocado dentro de cada um ao ser ingerido, visando um processo de “cura”, de “transformação”, também compreendido como “purificação”. É uma bebida material, mas ela representa um elo entre o mundo visível, material, e as esferas invisíveis do universo.

Nesta terceira parte do texto, viso responder à pergunta: se “não se pode convidar”, como as pessoas chegam para tomar daime? Ou, como são as relações entre as pessoas que participam nos rituais e a entidade espiritual chefe Império Juramidam, em suas diversas expressões?

De acordo com a cosmologia do Santo Daime, a entidade espiritual do Mestre Império Juramidam se utiliza dos idiomas da sedução e da caça para atrair as pessoas desejadas para participarem dos rituais do Santo Daime. Por isso, de acordo com as regras do Santo Daime, ninguém deveria convidar outras pessoas.

Segundo relatos de fardados, esse “convite” à pessoa ocorre principalmente através de sonhos “conscientes”, em comunicações com espíritos e entidades. Nesses casos, o sonho é considerado uma visão: a pessoa acorda e afirma ter sonhado “como se

estivesse acordado”. Assim, nessa religião, concebe-se o sonho como um momento privilegiado de comunicação com espíritos e entidades espirituais.

Além das comunicações em sonhos, outra forma de sedução e caça utilizada pelas entidades associadas à bebida *daime* é por meio de situações do cotidiano, as chamadas “coincidências”. Quando essas situações são prosseguidas de uma “grande vontade” da pessoa de participar de um ritual de Santo Daime, afirma-se que ela recebeu o “*chamado*”, categoria nativa associada à atuação invisível do “dono da doutrina”.

Abaixo, vou citar um trecho de um hino associado ao idioma da caça, que narra simbolicamente como uma pessoa é atraída para tomar daime:

Nos três eu te procurei/ Nos quatro eu te peguei/ Joguei a minha cilada/ No mato tu te escondeu/ Joguei a minha cilada/ No mato tu te escondeu/ Joguei outra cilada/ Pensando em te colher/ Pensavas que eu era um bicho/ No mato foi se esconder/ Eu te entrego os meus hinos/ Com amor no coração/ Agora estás sabendo/ Quem é Juramidam/ Agora tu te apresentas/ Com toda perfeição/ Que agora eu te peguei/ Dentro do meu coração.

Hino 25, Hinário “O Justiceiro”, padrinho Sebastião.

Observa-se neste hino, a concepção da caça dentro do Santo Daime: o Ser espiritual Juramidam “caça” o espírito da pessoa, em situações e em sonhos. As “correntes” que vão buscar o espírito da pessoa são energias produzidas pelo cantar dos hinos, em meio aos rituais.

Os idiomas da caça e da sedução estão ligados dentro da cosmologia do Santo Daime, porque diz-se que o Mestre Irineu e o padrinho Sebastião convidam as pessoas predestinadas a participarem dessa religião, mas são elas mesmas que devem procurar se encontrar com o Mestre Irineu.

De acordo com a pesquisa interna do Céu do Mar (2015), como resultado da pergunta “quais foram as motivações que levaram você a tomar daime?”, muitas afirmaram que “estavam procurando algo” ou que estavam em uma “busca espiritual”. Algumas responderam que estavam buscando uma “cura”, e outras disseram buscar a “cura de um vício”. Entretanto, outras pessoas responderam que foram tomar daime por

curiosidade, ou porque tinham familiares ou conhecidos que tomavam daime, ou porque leram livros como de “Carlos Castanheda” e se interessaram.

Quando a pessoa adere à religião em um ritual de fardamento, passa a operar então o idioma do pastoreio na relação entre a pessoa e o “dono da doutrina” e suas entidades e espíritos auxiliares. A pessoa começa a ser tida como uma ovelha dentro do rebanho da Virgem da Conceição, pastoreada pelos seres espirituais. Dessa a forma, passa a predominar uma relação de troca de dádivas, na qual a pessoa deve obediência às ordens desses guias espirituais. A obediência significa cumprir as regras e os fatos sociais expressos nos hinos, vivenciados em meio aos rituais.

De acordo com relatos de daimistas, em troca, a pessoa recebe proteção e as diversas dádivas que pedir, “de acordo com o merecimento de cada um”. Nos hinos, afirma-se que os “guias” somente dão àqueles que merecem, que são aqueles que se esforçam para “transformarem suas próprias sombras em luz”.

Considerações finais

Vimos que o *daime* (ayahuasca) é um símbolo que possui múltiplas significações. Dentro dessa cosmologia, a bebida *daime* é considerada a materialização de um Ser Divino, principalmente a materialização do espírito do Mestre Raimundo Irineu Serra, considerado o “chefe-dono” da doutrina. Desto dessa cosmologia, o espírito de Mestre Irineu é equiparado ao espírito de Cristo. E, em igrejas mais ecléticas, o *daime* é considerado simultaneamente a materialização do Mestre Irineu, de Cristo, de Oxalá, de Buda e de Shiva, sendo todos considerados constituídos da mesma natureza espiritual.

Ao ser ingerida a bebida, a pessoa passa por um mecanismo que pode ser considerado como regressão à natureza e progressão à sobrenatureza. Esse processo permite a comunicação com entidades espirituais de esferas invisíveis do universo, como parte dessa linha espiritual xamânica. Ao ser comparado ao mel, o daime age de maneira paradoxal, por ser “luz” e mostrar as “sombras” dentro da pessoa, visando sua

transformação e “correção dos defeitos”, que significa o cumprimento das regras e dos fatos sociais inscritos nos hinos.

Nessa cosmologia, a principal entidade associada à bebida *daime*, o Mestre Império Juramidam, utiliza-se da caça e da sedução para “convidar” as pessoas predestinadas a participarem da doutrina, por meio do “chamado”. Ao tornar-se uma pessoa fardada, comprometida com a religião, a pessoa passa a se relacionar com os “guias da doutrina” através do idioma do pastoreio, sendo a pessoa fardada considerada uma ovelha dentro do rebanho.

Bibliografia:

CÉU DO MAR. *Pesquisa Céu do MAR - Relatório preliminar*. Rio de Janeiro, 2015. mimeo.

COUTINHO, Tiago. *Xamanismo da floresta na cidade: um estudo de caso*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

FERNANDES, Vera Froes. *História do povo de Juramidam: introdução à cultura do Santo Daime*. Manaus: Suframa, 1986.

LABATE, Beatriz Caiuby. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2004.

LANGDON, Jean Matteson (Org.). *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Do mel às cinzas - Mitológicas vol. 2*. São Paulo, Cosac Naify, 2011 [1967].

MAC RAE, Edward. *Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

OKAMOTO, Leandro. *Marachimbé chegou foi para apurar: estudo sobre o castigo simbólico ou peia no Santo Daime*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo: PUC-SP, 2004.

TURNER, Victor. *Floresta de símbolos: aspectos do Ritual Nambu*. Niterói: EdUFF, 2005.

Imagem 1: quadro do artista José Abramovitz (*in memoriam*), igreja Céu do Mar, Rio de Janeiro.



Imagem 2: representação do “dono da doutrina”, chamado Mestre Império Juramidam, materializado na bebida daime. Imagem produzida por daimista para divulgação de evento. Artista desconhecido.

